# Introdução.

Bom dia meus irmãos, meu nome é Ildefonso e, conforme foi falado pelo pastor Nabarrete na apresentação da primeira aula, eu serei professor auxiliar dele, juntamente com a professora Janete, neste curso “A Reforma Como Você Nunca Viu”.

Eu estou aqui na Igreja Presbiteriana Nacional desde o ano passado. Vim com minha família, transferido da 1ª Igreja Presbiteriana de Sobradinho, pois nós nos mudamos aqui para o Plano Piloto e estávamos procurando uma igreja mais próxima de casa para podermos congregar.

 Na igreja de Sobradinho eu fui professor de escola dominical no período em que eu estava lá. Sou estudante do Seminário Presbiteriano de Brasília. Não faço grade fechada, pois não sou aspirante ao pastorado.

Recebi o convite e o desafio para compor a equipe do pastor Nabarrete e espero poder contribuir com essa equipe e com essa turma.

Vocês devem ter observado na ementa de nosso curso que os estudiosos retratam a Reforma Protestante como um movimento com motivações meramente políticas, descartando o aspecto religioso do mesmo e diminuindo as suas realizações.

O teólogo Alister McGrath (MCGRATH, 2012) nos conta que alguns historiadores alemães da década de 1980, quando foram narrar a reforma protestante, não fizeram qualquer menção a Lutero. Para eles, Lutero foi tão irrelevante diante das demais forças que atuaram na reforma religiosa, que não merecia fazer parte dessa história. Essa abordagem foi tão insustentável que foi abandonada logo em seguida.

Embora tal visão tenha sido abandonada, eu deixo algumas perguntas para que possamos pensar sobre elas durante a nossa aula:

* A visão daqueles estudiosos está correta? A reforma protestante foi um movimento com motivações meramente políticas?
* É possível desconsiderar o caráter religioso do movimento?
* Os reformadores foram importantes ou foram meros coadjuvantes?
* Pelo que lutavam os reformadores?
* O posicionamento desse movimento tem utilidade em nossos dias?
* Quais as conquistas da reforma?

Na aula anterior, que foi ministrada pelo Pastor Nabarrete, nós vimos a história dos pré-reformadores e tivemos contato com algumas das causas que deram início à reforma protestante.

Em nossa aula de hoje, começaremos a falar dos reformadores propriamente ditos, sendo que hoje abordaremos o reformador mais conhecido e a reforma no país dele: Lutero e a reforma na Alemanha.

Pretendo trazer informações que nos capacite a responder àquelas perguntas.

Como Lutero foi o principal representante da reforma na Alemanha preferi começar a exposição por ele para, em seguida, tratarmos sobre os demais acontecimentos daquela época que tiveram relevância para o nosso estudo.

Como afirmado pelo teólogo Justo Gonzales (GONZALEZ, 2004a), Martinho Lutero é um daqueles pensadores que a sua teologia está tão ligada à sua vida, que não temos como entender sua teologia sem entender a sua vida. Assim sendo, vamos começar nosso estudo pela vida de Lutero.

# Desenvolvimento.

Para facilitar a compreensão dos acontecimentos da vida de Lutero e, por consequência, da reforma na Alemanha, podemos dividir sua vida em quatro períodos:

* Período de formação;
* Período de rompimento com Roma;
* Tempo de separação e;
* Período de conflito com o romanismo e consolidação do luteranismo[[1]](#footnote-1).

## Período de formação.

O período de formação compreende os eventos do nascimento de Lutero até o ano de 1517 (CAIRNS, 2008, p. 259). Esse período foi importante, pois foi nele que Lutero enfrentou seus conflitos e dúvidas e começou a desenvolver a sua teologia.

Martinho Lutero nasceu em Eisleben no dia 10 de novembro de 1483 e era o mais velho dos sete filhos de Hans e Margarete Luder. Luder era a forma do seu sobrenome antes de ser latinizado para Lutero (MCGRATH, 2012).

Seu pai era descendente de agricultores e sua mãe era de origem burguesa. Quando Lutero nasceu, sua família possuía poucos recursos (DREHER, 1996).

Em 1484 sua família se mudou para Mansfeld para melhorar suas condições por meio da atividade mineradora de cobre[[2]](#footnote-2). Eles obtiveram sucesso e, por volta de 1500 a sua família era próspera, considerando os padrões da região (MCGRATH, 2012). Para termos uma ideia da projeção econômica que a sua família tinha alcançado, em 1511, seu pai chegou a ter quotas de participação em seis minas de cobre e duas fundições (CAIRNS, 2008, p. 259).

Sua família era respeitada e trabalhadora, porém era bastante rígida. O próprio Lutero afirmou que havia levado uma surra até sangrar de sua mãe por ter roubado uma noz (CAIRNS, 2008, p. 259).

 A educação que ele recebeu na escola foi igualmente rígida. Sua educação inicial ocorreu entre 1490 e 1501 nas cidades de Mansfeld, Magdeburg e Eisenach (CAIRNS, 2008, p. 259; DREHER, 2014, p. 24–26). Lutero contou que levou quinze chicotadas na escola de Mansfeld (CAIRNS, 2008, p. 259) e, mais tarde qualificou seus professores de tiranos e mestres da palmada (DREHER, 2014, p. 25).

Em 1502 Lutero obteve o título de bacharel em artes e, em 1505 o de mestre em artes. Dessa forma, Martinho estava apto a ingressar em um dos cursos “superiores”: direito, medicina ou teologia (DREHER, 1996, p. 24).

Buscando garantir que Lutero tivesse ascensão social, seu pai decidiu que ele faria o curso de direito. Ele iniciou esse curso na Universidade de Erfurt em 20 de maio de 1505 (DREHER, 1996, p. 24).

Porém, em 2 de julho de 1505 aconteceu aquele evento emblemático na vida de Lutero: a tempestade de raios. Lutero estava voltando para Erfurt, onde cursava direito, quando foi surpreendido por um temporal. Nesse temporal um raio caiu perto dele, derrubando-o do cavalo. Apavorado, ele fez uma promessa a Santa Ana, que era considerada a padroeira dos mineiros, que, caso ela o ajudasse ele se tornaria um monge (MCGRATH, 2012, p. 45–46).

Quem assistiu ao Filme Lutero de 2003 (TILL, 2003), vai se lembrar que esse filme começa exatamente com esse fato. Porém, da forma como esse evento foi retratado, o filme não foi capaz de mostrar o porquê de aquela tempestade ter sido tão impactante ao ponto de fazer alguém com uma carreira promissora abandonar tudo para se tornar um monge.

Para tentarmos imaginar o que fez Lutero se sentir tão apavorado com esse raio, temos que nos lembrar de alguns pontos importantes:

Na mentalidade medieval o medo da morte e do inferno era algo muito forte. Se hoje não se fala em inferno e juízo divino, naquela época esse era um assunto corriqueiro. Junte-se a isso o fato de que estamos falando de uma sociedade altamente supersticiosa. Eles acreditavam que as florestas estavam cheias de diabos, demônios e duendes (MCGRATH, 2012, p. 46; DREHER, 2014, p. 24–25). A própria mãe de Lutero, como as demais pessoas de sua época, era muito supersticiosa. Ela colocava determinadas ervas no fogão para afugentar os males (DREHER, 2014, p. 24).

Além daquele acontecimento com o raio, Lutero passou por outros eventos que provavelmente o fez refletir sobre a morte. Ele mesmo disse que em certa ocasião se feriu gravemente com sua espada cortando acidentalmente sua artéria da coxa e que correu risco de perder a vida (DREHER, 1988). Além disso, ele já passara perda de um amigo íntimo (DREHER, 1996).

Acrescente-se a isso o fato de que Lutero tinha temor a Deus e possuía a convicção do julgamento divino. Assim, uma forma segura para fugir do inferno, segundo o pensamento da época, seria o ingresso na vida monástica (LATOURETTE, 2006).

Assim, não foi o raio que fez Lutero se apavorar e entrar no convento. Nem foi somente o medo da morte. Foi um conjunto de circunstâncias, acrescido do medo de morrer sem estar preparado, que fez Lutero ingressar na vida monástica (GONZALEZ, 2004a, p. 30).

Diante disso, Lutero manteve sua promessa e ingressou em 17 de julho de 1505 no convento agostiniano de Erfurt e se tornou noviço. Em setembro de 1506 fez seus votos solenes e se tornou monge. Em 3 de abril de 1507 foi ordenado sacerdote. Celebrou sua primeira missa em 2 de maio de 1507. Lutero relatou que nessa missa ele se sentiu totalmente indigno de realizar o sacrifício da mesma (DREHER, 1996).

Durante esse período que esteve no mosteiro, Lutero não encontrou a tão sonhada paz e certeza de salvação. Ele buscou os meios que lhe eram oferecidos pela igreja: mortificação do corpo, jejum, oração, vigília, confissão e práticas místicas. Porém não encontrou o que buscava (LATOURETTE, 2006, p. ?954?).

Lutero não conseguia conciliar a justiça de Deus com o amor de Deus. Para Lutero não havia nada que ele pudesse fazer para apaziguar esse Deus justo. Quanto mais Lutero tentava ser perdoado pelos meios oferecidos pela igreja, mais ele tinha a consciência que não conseguia arrancar o pecado pela raiz (GONZALEZ, 2004a, p. 32).

A visita de Lutero a Roma colaborou com o desenvolvimento de sua teologia e na descrença no sistema de indulgências. Isso foi gerado pela decadência moral e o abuso com a prática da venda de indulgências que ele presenciou em Roma[[3]](#footnote-3) (GONZALEZ, 2004a, p. 31).

Posteriormente, sua ordem decidiu que ele deveria ensinar teologia. Para isso ele foi encaminhado para o centro de ensino[[4]](#footnote-4)[[5]](#footnote-5) de sua ordem em Erfurt, onde Lutero iniciou seus estudos teológicos (DREHER, 1996) e, depois foi enviado para Witemberg para ministrar aulas de teologia (LATOURETTE, 2006, p. 955).

Durante seus estudos ele começou a perceber que Cristo passara pelas mesmas agonias e desolação que ele passava. Lutero começou a perceber que Deus não era apenas o juiz que punia, mas era também um Deus amoroso. De alguma forma que ele não entendia, a justiça e o amor de Deus estavam ligados (GONZALEZ, 2004a, p. 32–33).

Foi durante o período em que estava dando aulas que ele desenvolveu a sua teologia da justificação pela fé (LATOURETTE, 2006, p. 955).

E importante frisar que para Lutero a fé não era o mero assentimento intelectual como os escolásticos defendiam. Para ele a fé era a resposta que a pessoa dava, passando a amar a Deus com inteireza de coração, confiando plenamente em nele (LATOURETTE, 2006, p. 956).

Lutero defendia que a justificação era pela somente pela fé e que as obras não cooperavam para ela. Contudo, Lutero defendia a importância das boas obras, pois entendia que elas eram frutos da fé, uma resposta grata a Deus (LATOURETTE, 2006, p. 956).

Ele defendia, ainda, que a transformação pessoal era consequência do amor de Deus e não uma precondição desse amor. Ele também defendeu que o relacionamento entre o homem e Deus somente é possível mediante o sacrifício de Cristo. Além disso, era esse sacrifício que justificava o homem, por meio da concessão da justiça de Cristo para o ser humano (MCGRATH, 2012, p. 49).

Em 1517, quando Lutero estava em Wittenberg, ele ficou sabendo que um pregador dominicano chamado Tetzel estava vendendo indulgências em Brandeburgo, território vizinho à Saxônia. Tetzel foi proibido de vender indulgências na Saxônia pelo fato de que Frederico, o príncipe eleitor tinha sua própria coleção de relíquias e estava recebendo dinheiro com elas. Porém os fiéis da Saxônia iam até Brandeburgo para adquirir as relíquias e contavam ao padre Lutero o que viram. Eles relataram que Tetzel falava coisas terríveis para conseguir vender suas indulgências (DREHER, 2014, p. 86).

Indignado com essas coisas, Lutero elabora o documento conhecido como “95 teses”, que na realidade se chama “Controvérsia sobre o Poder e a Eficácia das Indulgências”. Embora a maioria das pessoas ache que Lutero estivesse se insurgindo contra as indulgências, ele estava se insurgindo contra os abusos e contra as práticas que ele julgava estar em desacordo com as escrituras.

Lutero encaminhou uma carta, juntamente com uma cópia das teses para Alberto, bispo de Mainz. Acontece que Lutero não tinha ideia de que Alberto de Mainz fazia parte daquele negócio de indulgência.

Alberto de Mainz já era arcebispo de Magdeburgo e bispo de Halberstadt quando o arcebispado de Mainz ficou vago. Sem recursos para bancar sua indicação, os banqueiros Fugger financiaram sua indicação. Para garantir o pagamento, os Fugger conseguiram junto a Roma a expedição de uma indulgência que, em tese, seria destinada à construção da Basílica de São Pedro. Metade da renda oriunda das vendas das indulgências seria destinada aos Fugger para pagar o empréstimo (DREHER, 2014, p. 98).

Lutero não tinha ideia do tamanho do vespeiro que tinha mexido. Ele havia importunado interesses de poderosos. As indulgências tinha grande importância política para a igreja e eram a sua principal fonte de renda. Ela foi usada para financiar a primeira cruzada e era usada para financiar obras. Pessoas importantes lucravam sobre esse comércio: os Fugger tinham o monopólio da remessa dos valores provenientes da venda das indulgências na Europa Central e Leste; os príncipes lucravam com esse comércio. Como o papado estava fraco, eles ficavam com algo entre a metade e dois terços da renda das indulgências; a família Hohenzollern, da qual Alberto de Mainz fazia parte estava lucrando. Com a compra do arcebispado de Mainz eles garantiriam um segundo voto nas dietas (DREHER, 2014, p. 85–98).

## O contexto político, econômico, social e religioso.

Agora que falamos da formação de Lutero, é importante que tenhamos uma visão de como estava o mundo que o cercava antes de continuarmos.

**Contexto político**.

Quando olhamos para o mapa da Europa de 1500 de cara nós podemos perceber duas coisas: 1) a formação de grandes estados como Portugal, Espanha, Inglaterra e Escócia; 2) a fragmentação política na Europa Central (península itálica e o Sacro Império Romano Germânico).

Para entendermos esse mapa temos que recordar que durante a idade média não haviam estados fortes como conhecemos em nossos dias. A sociedade estava dividida hierarquicamente entre senhores e servos (VICENTINO; DORIGO, 2006, p. 100–101). O poder e o território estavam divididos entre nobres que se subordinavam em uma relação denominada contrato de vassalagem. Nesse sistema não havia um governo central e os nobres podiam se submeter a diversos suseranos (LE GOFF, 2016, p. 81–84). A Europa era formada por uma enorme quantidade de pequenos reinos formando uma colcha de retalhos. Cada uma dessas unidades tinha seu próprio governante, leis, tributos e moedas.

Além disso, a igreja era uma grande detentora de terras e estava excluída da jurisdição do senhor daquelas terras. Enquanto que os senhores seculares poderiam ter suas terras divididas, as terras da igreja não podiam sofrer tal divisão[[6]](#footnote-6) (DREHER, 2014, p. 98). No decorrer desse processo de aquisição de terras pela igreja, muitos da hierarquia da igreja se tornaram condes, e alguns chegaram a formar principados eclesiásticos. Esse foi um dos fatores que impediam a formação de um Estado nacional (BLOCH, 2016, p. 363–365).

Na Alemanha não foi diferente. Alguns integrantes da hierarquia católica se transformaram em regentes seculares, como foi o caso de Alberto de Brandenburgo, que transformou as terras da Ordem Teutônica em um ducado que posteriormente se tornou a Prússia Oriental (DREHER, 2014, p. 97–98).

Embora eu tenha falado em Alemanha, a Alemanha como nação não existia. O que existia era o Sacro Império Romano Germânico. Esse império era a tentativa de perpetuação do antigo império romano. Contudo, tal império se encontrava no mesmo estado que a antiga Europa medieval: fragmentado. Embora existisse um sentimento nacionalista alemão, ele não era forte o suficiente para unir todo o povo daquele território em um único Estado (DREHER, 2014, p. 183).

O próprio imperador não era um governante absoluto. Ele era eleito pelos príncipes eleitores (LE GOFF, 2016, p. 268–269) e juntamente com esses decidiam questões do império. Esses príncipes é que eram senhores em seus principados. Além desses príncipes eleitores havia outros nobres sem o direito de voto na dieta.

Esse é o lado da fragmentação. No outro lado encontramos os reinos unificados que formaram estados nacionais fortes, como Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Escócia. Nesses estados havia um forte sentimento nacionalista. Além disso, os monarcas começaram a ter cada vez mais força, inclusive com a formação de exércitos nacionais permanentes. Esses monarcas começaram a buscar formas influenciar as atividades da igreja em seu reino. Essa influência ia desde a indicação de pessoas para ocupar cargos eclesiásticos até os confiscos de terras.

**Contexto** **econômico.**

Encontramos grandes mudanças por volta de 1500. As cidades ressurgiram, novos mercados são abertos, são descobertas novas fontes de matéria prima. Com isso a classe média passou a ocupar um papel de liderança na sociedade (CAIRNS, 2008, p. 249).

**Contexto social**.

A organização da sociedade medieval começa a mudar. Uma maior mobilidade social começou a surgir (CAIRNS, 2008, p. 249). Na sociedade feudal era extremamente difícil haver uma mudança social: aquele que nascia servo, morreria servo; aquele que nascia nobre, morreria nobre.

**Contexto** **religioso.**

Crise do nominalismo. A teologia medieval entrou em crise. Na teologia católica o realismo era o pensamento dominante. O realismo é oriundo do pensamento platônico e ingressou no pensamento cristão pelo neoplatonismo (GONZALEZ, 2011a, p. 19–20). Para essa corrente filosófica “*existe uma realidade exterior, determinada e autônoma, independente do conhecimento que se pode ter sobre ela. O conhecimento verdadeiro, na perspectiva realista, seria então a coincidência ou correspondência entre nossos juízos e essa realidade*” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1990).

Contudo, o nominalismo surgiu em reação a essa filosofia, defendendo que as ideias gerais ou universais não tem existência real nem na mente humana, nem como formas substanciais, como defendia o realismo. Para o nominalismo essas ideias são apenas palavras (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1990).

O conflito entre essas teorias já existia na época dos pré-reformadores John Wycliffe e John Huss e continuou durante a época de Lutero.

**Crise moral na igreja**. A igreja de Roma estava passando por uma séria crise moral. Apesar de diversos movimentos internos e clamores internos, a liderança da igreja não promoveu mudanças visando moralizar a igreja.

O poder que a igreja possuía e, em especial o papa, começou a entrar em declínio logo após o papa Inocêncio III, no século XII. Porém, nos séculos XIV e XV esse declínio se acelerou com a conjugação de três eventos: o mudança para Avignon; o Grande Cisma Ocidental e o espírito renascentista que se apoderara do papado (GONZALEZ, 2004b, p. 17).

A mudança de Roma para Avignon demandou quantias de dinheiro altíssimas para a construção da nova corte papal, as quais eram sugadas dos demais reinos.

O Grande Cisma foi o período em que havia dois papas um em Roma e outro em Avignion, chegando a ter três papas, quando o movimento conciliar elegeu outro papa. Cada papa, para fazer frente ao outro papa, precisa de grandes quantias de dinheiro e para levantar essas quantias eles se valiam da simonia e de uma taxação rigorosa e exploração financeira (GONZALEZ, 2011a, p. 477).

Os papas conseguiam suas receitas através de diversas fontes: dízimos; rendas das propriedades papais; da anata, que era o pagamento ao papa do salário do primeiro ano do cargo que seria ocupado; do direito de suprimento, que era o pagamento feito pelos clérigos pelas despesas de deslocamento do papa para a sua região; e o direito de espólio, pelo qual as propriedades do alto clero eram passadas para o papa (CAIRNS, 2008, p. 221).

Os papas renascentistas foram papas que eram seguiam o pensamento renascentista e buscaram embelezar Roma com pinturas, esculturas, construção de palácios, monumentos e bibliotecas. (GONZALEZ, 2011b, p. 523–526) essas demandas exigiam grandes quantias de dinheiro que vinham daquelas fontes que já citamos.

Outra característica dos papas deste período foi o nepotismo. Havia favorecimentos explícitos a parentes (GONZALEZ, 2011b, p. 523–526).

Como consequência direta da **simonia**, que era a compra e venda de cargos eclesiásticos, outros males vieram a reboque: o **pluralismo**, que é a ocupação simultânea de mais de um cargo eclesiástico[[7]](#footnote-7); o **absentismo**, que é o não exercício do cargo eclesiástico (GONZALEZ, 2011b, p. 474). Como consequência do absentismo os fiéis deixavam de receber um acompanhamento por parte da igreja.

## Período de rompimento com Roma.

Lutero foi convocado a Roma para se explicar sobre as teses. O príncipe Frederico intercedeu para que Lutero não fosse para Roma, mas que fosse ouvido quando da dieta de Augsburgo. Como o papa não queria que outro Habsburgo (Carlos V) fosse eleito como imperador ele não desagradou Frederico.Ele acatou o pedido e colocou o processo de excomunhão de Lutero em banho maria. O candidato preferido do papa era Francisco I e, caso ele não fosse eleito, o próprio Frederico da Saxônia seria sua opção. Assim, Lutero foi interrogado pelo cardeal Tomás de Vio, mais conhecido como cardeal Caetano. Esse cardeal tinha, em especial, duas missões: conseguir a aprovação de recursos para uma nova cruzada contra os turcos e conseguir que Lutero se retratasse de seus escritos ou prendê-lo (DREHER, 2014, p. 110–113).

Durante esse período, Staupitz ficou sabendo que Caetano tinha ordens para prender Lutero e recomendou que Lutero fugisse. Lutero retorna para Wittenberg e envia uma carta para Caetano informando que estava disposto a não mais discutir sobre as indulgências, caso seus inimigos também se calasse. Caetano não respondeu. (DREHER, 2014, p. 114–121).

Lutero se calou, mas seus adversários não se calaram em 1519 haveria um debate em Leipzig entre a Universidade de Wittenberg e a de Leipzig. Porém, Lutero percebeu que seus oponentes, em especial Eck, tinham como objetivo usar o debate para poderem acusar Lutero. E foi o que aconteceu. Lutero foi conduzido no debate a confessar a sua opinião de que a autoridade da Bíblia é superior à do papa e dos concílios. Com isso Lutero deu margem para que Eck o acusasse de sua Hussita (GONZALEZ, 2004a, p. 38).

No ano de 1520, Lutero deu expôs os desdobramentos de seu posicionamento teológico. Para tanto escreveu quatro obras: **Das boas Obras**, onde explica seu posicionamento sobre as boas obras; **A Liberdade de Um Cristão**, onde expõe o entendimento básico da vida cristã; **Discurso à Nobreza Germânica**, questionando o poder do papa sobre as autoridades seculares; **O Cativeiro Babilônico da Igreja**, onde atacou o sistema de sacramentos da igreja, negou a transubstanciação e o sacrifício da missa e defendeu o sacerdócio de todos os crentes (DREHER, 2014, p. 138–151).

Em junho de 1520, Leão X expediu a bula *Exurge Domine* que deu início ao prazo de retratação de Lutero sob pena de excomunhão. Em dezembro de 1520 Lutero queima a bula papal (CAIRNS, 2008, p. 263).

Em abril de 1521 Lutero comparece à dieta de Worms onde se realizou a famosa cena em que ele é instigado a renunciar às suas obras. Ao sair da dieta, Lutero foi sequestrado e levado para o castelo de Wartburg (CAIRNS, 2008, p. 263).

## Período de separação.

Esse é o período de que Lutero ficou isolado no castelo de Wartburg, que vai de maio de 1521 a março de 1522. Nesse período Melanchton escreveu sobre a teologia dos reformadores. Ele rejeitava a autoridade da igreja de Roma, dos Pais da igreja, da lei canônica e dos escolásticos. Para ele a Bíblia era a autoridade final para todos os cristãos. Nesse período, Lutero traduz a Bíblia do grego para o alemão (CAIRNS, 2008, p. 263–264).

Durante o período que Lutero estava no castelo de Wartburg, a cidade de Wittenberg estava o caos. Havia levantes e revoltas com muitas mortes. Conflitos generalizados com os plebeus, aprendizes contra mestres, corporações contra magistrados e ambos contra o clero e aldeia contra aldeia. Em alguns lugares começaram a surgir movimentos iconoclastas, destruindo imagens e interiores de igrejas. Por parte dos revoltosos, havia degolas, esquartejamentos, fogueiras e exílios. Grupos radicais, como os chamados profetas de Zwickau[[8]](#footnote-8), espalhavam suas ideias. Lutero, ao encontrar essa situação, começou a fazer uma série de sermões nos quais pregava a paciência e não violência. Com isso a paz voltou à Wittenberg (DREHER, 2014, p. 183–192).

No período subsequente, houve a estruturação da igreja luterana com liturgia própria. Foi desenvolvido o catecismo menor, a missa germânica e a Ordem do Culto. No período de 1520-1525 havia muita mudança de posicionamento das pessoas. A que era católica passava a ser luterana e vice-e-versa. Os humanistas se afastaram de Lutero. É nesse período que Lutero escreve “A Escravidão da Vontade” (1524). Os camponeses também se tornaram hostis a Lutero, pois este se opôs a revolta dos camponeses que aconteceu entre 1524-1525 (CAIRNS, 2008, p. 265–266; DREHER, 2014, p. 192–201).

Em 1526 aconteceu a Dieta de Speier com um armistício entre católicos e protestantes. Também foi nesse período que houve a tentativa, sem sucesso, de união entre Lutero e Zwinglio promovida por Felipe de Hesse. Em 1529 aconteceu uma segunda dieta de Speier revogando a anterior. Nessa ocasião os príncipes luteranos apresentaram um “Protesto”. Essa é a origem do nome protestante. No ano seguinte, na dieta de Augsburgo foi apresentada por Melanchton e pelos príncipes eleitores a Confissão de Fé de Augsburgo (CAIRNS, 2008, p. 265–266).

## Período das guerras religiosas.

O período de 1531 a 1555 foi marcado por conflitos religiosos. Para se defenderem, os príncipes protestantes se uniram na liga esmalcalda. Pelo fato do imperador estar envolvido em outras guerras, entre 1532 e 1542, os protestantes não tiveram que lutar. Porém, o casamento bígamo de Filipe de Hesse, um dos principais líderes da liga, veio enfraquecer sua liderança. A partir da morte de Lutero, a liderança do luteranismo passou para Melanchton. Com o fim daquelas guerras que impediam o imperador de enfrentar os protestantes, ele, juntamente com a liga católica, travou guerra com os protestantes. O fim da guerra somente veio em 1555 com a Paz de Augsburgo. Por esse acordo, cada príncipe decidiria a religião de seus súditos: catolicismo ou luteranismo. Nenhuma outra forma de protestantismo foi aceita (CAIRNS, 2008, p. 266–267).

Esses eventos acabaram levando ao surgimento de igrejas nacionais, subordinadas ao Estado (DREHER, 2014).

A partir daquele acordo, a igreja luterana pôde se consolidar. As controvérsias internas que surgiram, e que chegavam ao ponto de afetar a estabilidade dos principados luteranos, foram dirimidas com a publicação do “Livro da Concórdia”. Esses problemas doutrinários tornaram os luteranos conscientes da importância da ortodoxia, o que desembocou em uma ortodoxia fria que só foi contraposto posteriormente com o movimento petista (CAIRNS, 2008, p. 268–269).

# Conclusão.

Meus irmãos, podemos observar que a causa da reforma foi múltipla. Porém, essa multiplicidade não indica que a reforma aconteceu somente por interesses políticos. A reforma aconteceu no ocaso da idade média, onde diversos institutos daquela era estavam ruindo e novos institutos estavam surgindo.

Porém, querer afastar as causas religiosas mostra uma visão equivocada do evento histórico e preconceituosa para com aqueles líderes religiosos. Tudo indica que eles foram sinceros em suas pregações.

Podemos comparar o ato dos reformadores com o ato de alguém que se coloca diante de uma represa prestes a estourar e lhe desfere o golpe que faz com que a represa venha a baixo, liberando toda a água represada. Naquele momento havia muitas forças represadas. Durante séculos havia pessoas que buscaram reformar a igreja, porém foram silenciados pela igreja hierárquica. Também havia causas sociais, s econômicas e políticas represadas.

A teologia reformada não despreza as causas intermediárias, nós reconhecemos a importância delas, porém reconhecemos que por trás delas há uma causa primária que é a providência divina. Deus governa todas as coisas. Esse é o ensino da Confissão de Fé de Westminster, no capítulo 5, item 2:

“II. Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam conforme a natureza das causas secundárias, necessárias, livre ou contingentemente.”

Com isso podemos responder algumas das perguntas:

* **A visão daqueles estudiosos está correta? A reforma protestante foi um movimento com motivações meramente políticas? É possível desconsiderar o caráter religioso do movimento?**

Podemos afirmar que a visão não está correta. Houve interesses políticos sim, por parte de muitos dos protagonistas desse momento histórico. Príncipes que queriam aumentar seu poder; monarcas que queriam uma monarquia centralizada; papas, cardeais e bispos que queriam manter as regalias que obtiveram na igreja; alguns líderes religiosos da reforma que queriam formar uma teocracia; a população estava revoltada com a exploração, além de outros fatores. Porém em nenhum momento podemos afirmar que ele foi um movimento meramente político e não temos como eliminar o caráter religioso desse movimento.

* **Os reformadores foram importantes ou foram meros coadjuvantes?**

Somente podemos falar que eles foram coadjuvantes, quando comparados com o condutor maior de toda a história da humanidade: Deus. Como agentes das causas intermediárias eles foram muito mais do que coadjuvantes. Eles, juntamente com todos os demais atores, debaixo do controle de Deus, foram protagonistas desse evento.

* **Pelo que lutavam os reformadores? Quais as conquistas da reforma?**

Eles lutaram pela supremacia da Palavra de Deus sobre a autoridade hierárquica da igreja. Lutaram para que a Bíblia fosse a única regra de fé e prática de nossas vidas. Lutaram pela eliminação de erros e práticas que assolavam da igreja. Lutaram para que todos tivessem acesso ás Escrituras em seu próprio idioma.

* **O posicionamento desse movimento tem utilidade em nossos dias?**

Vou mostrar apenas duas imagens para que possamos responder a essas perguntas. O que são esses objetos que sendo comercializados em igrejas que se dizem evangélicas? Isso não é o equivalente atual das antigas indulgências. Não vemos nas igrejas atuais os cargos eclesiásticos sendo tratados como um objeto de comercio? Isso não é simonia? Quantos escândalos estamos presenciando na igreja evangélica? Esse não é a mesma decadência moral que a igreja medieval passou?

Como podemos observar os problemas que os reformadores passaram são muito atuais. Nunca podemos nos esquecer da frase do teólogo reformado holandês Gisbertus Voetius: “A Igreja é reformada e está sempre se reformando”. Temos sempre que nos comparar com a Bíblia para vermos se não estamos nos afastando de seus ensinos.

Que Deus nos abençoe!

# Bibliografia.

BERLINCK, M. T. O método científico nos primórdios da Universidade. Caso De, O Caso Andreas Vesalius de Bruxelas. **Revista Ensino Superior Unicamp**, n. 11, p. 51–64, 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ed11\_outubro2013/HISTORIA.pdf>.

BLOCH, M. **A sociedade feudal**. 1.a ed. São Paulo: Edipro, 2016.

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos. uma história da igreja cristã**. 3.a ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DREHER, M. N. **Aspectos humanos na vida de Lutero**. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/textos/aspectos-humanos-na-vida-de-lutero>. Acesso em: 31 jan. 2017.

DREHER, M. N. **Coleção história da igreja v.3. a crise e a renovação da igreja no período da reforma. v. 3**. 4.a ed. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1996.

DREHER, M. N. **De luder a lutero: uma biografia**. 1a ed. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2014.

GONZALEZ, J. L. **Uma história do pensamento cristão. da reforma protestante ao século 20**. 1a ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004a.

GONZALEZ, J. L. **Uma história do pensamento cristão. de agostinho às vésperas da reforma. vol. 2**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004b.

GONZALEZ, J. L. **História ilustrada do cristianismo. v. 2. a era dos reformadores até a era inconclusa.** 2a ed. São Paulo: Vida Nova, 2011a.

GONZALEZ, J. L. **História ilustrada do cristianismo. v. 1. a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados.** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011b.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 5.a ed. [s.l.] Zahar, 1990.

LATOURETTE, K. S. **Uma história do cristianismo. v. 2**. 1.a ed. São Paulo: Hagnos, 2006.

LE GOFF, J. **A civilização do ocidente medieval**. 1a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.

MCGRATH, A. E. **A revolução protestante. uma provocante história do protestantismo contada desde o século 16 até os dias de hoje.** 1a ed. Brasília: Palavra, 2012.

TILL, E. **Lutero**Alemanha, Alemanha, Estados Unidos, 2003. .

VICENTINO, C.; DORIGO, G. **História para o ensino médio. história geral e do brasil**. 2a ed. São Paulo: Scipione, 2006.

1. Essa divisão foi apresentada por Cairns (CAIRNS, 2008, p. 259). Vide anexo I. [↑](#footnote-ref-1)
2. Latourette (LATOURETTE, 2006) afirma que a atividade era o arrendamento de minas de ferro e caldeiras. [↑](#footnote-ref-2)
3. No mesmo sentido Latourette (2006, p. 954) e Cairns (2008, p. 259–260).Em sentido contrário, entendendo que Lutero ainda não fora despertado pela decadência em Roma (DREHER, 2014, p. 57) [↑](#footnote-ref-3)
4. Na realidade em um *studium generale.* [↑](#footnote-ref-4)
5. “Um *studium generale*, ou *universale*, ou ainda *commune*, não é um lugar em que o conjunto dos conhecimentos é estudado, mas um centro de estudos onde alunos de origens bastante diversas podem ser recebidos. Ainda segundo Gilson (1998), a expressão se aplicava sobretudo às escolas abertas pelas ordens religiosas nas cidades que podiam ser centros importantes do ponto de vista da ordem, mas que não possuíam universidade; eram mandados ao *studium particulare* de uma província os alunos dessa mesma província e ao *studium generale* de uma província da ordem alunos de todas as províncias” (BERLINCK, 2013). [↑](#footnote-ref-5)
6. Um exemplo de divisão de terras foi o da Saxônia que foi dividida em Saxônia Eleitora e Ducado da Saxônia (DREHER, 2014). [↑](#footnote-ref-6)
7. Martin Dreher (DREHER, 2014) afirma que houve caso de cumulação de 15 cargos. [↑](#footnote-ref-7)
8. Nicolau Storch e Markus Stübner. [↑](#footnote-ref-8)